

a constituição política sobre bases mais largas e seguras para a felicidade do povo e glória nacional. Devemos ser hoje mais felizes que ontem, mas convém que amanhã o sejamos mais do que hoje”. Abria, assim, as perspectivas para a reforma do regime, estendendo a Abolição como prelúdio da República. Ao ser esta proclamada, saudou a mudança com um “Viva a República!” que, “de lés a lés, de alto a baixo, tomou a primeira página”. Mandaram logo os diretores do jornal gravar novo clichê do cabeçalho, na oficina de Júlio Martin, que só entraria em uso, entretanto, a 1º de janeiro de 1890: passava a intitular-se *Estado de São Paulo*. Em novembro de 1889, tornava-se propriedade de C. Teixeira de Carvalho, presidente da Sociedade Impressora. Passou a rodar em *Marinoni* e comprou motor novo.

Essa não é apenas uma grande época política; não por coincidência, é também uma grande época literária. O desenvolvimento das letras, no Brasil, acelerara-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, de governo, de administração, de legislação, com o surto da imprensa. A cultura haurida nos livros e transmitida pela palavra escrita ou falada, passara a encontrar espaço na vida brasileira, desde a autonomia e a estruturação do aparelho de Estado. As Academias eram as antecâmaras do Parlamento, como observou Nabuco. Como era reduzida a camada culta, não havia, de início, especialização, consoante observou Sílvio Romero: o parlamentar era homem de letras e de imprensa; o romancista era também teatrólogo, e todos eram poetas. O Romantismo não criou apenas o gênero de maturidade por excelência que é o romance, entre nós, criou a própria prosa brasileira. Mas continuava o predomínio generalizado da poesia; as estréias eram, obrigatoriamente em livros de versos.

A primeira manifestação do esforço para ampliar a cultura impressa, ainda insipiente, esforço subordinado à deficiência das técnicas de impressão e a resistência colonial do meio para comportar aquela ampliação, fez-se através dos almanaques, que constituíram os livros de uso e consulta generalizados. Em todas as províncias, e na Corte, em umas antes, em outras depois, surgiram almanaques repositórios de literatura, evidentemente de qualidade inferior, e de informações úteis; veículos, também, de publicidade, em nível rudimentar. Ainda em 1808, aparecera, no Rio Grande do Sul, o *Almanaque da Vila de Porto Alegre*, redigido por Manuel Antônio de Magalhães, com observações sobre o estado da província, — era mais um relatório do que um periódico informativo e apenas preludia o gênero. O primeiro almanaque impresso, surgiu, ali, em 1840: era a *Folhinha do Ano Bissexto de 1840*. Seguiu-se longa série de almanaques,